

MADRE TERESA

EDITADO POR BRIAN KOLODIEJCHUK



UM CHAMADO À MISERICÓRDIA

• CORAÇÕES PARA AMAR, MÃOS PARA SERVIR •

MADRE TERESA

UM CHAMADO À MISERICÓRDIA

CORAÇÕES PARA AMAR, MÃOS PARA SERVIR

Tradução
Luis Reyes Gil

Editado e com prefácio e introdução de
Brian Kolodiejchuk, MC (Missionário da Caridade)
Nova York

Copyright © 2016 by The Mother Teresa Center, licenciado exclusivo para o mundo todo
das Missionárias da Caridade para as obras de Madre Teresa. Todos os direitos reservados.

Publicado nos Estados Unidos pela Image, selo do Crown Publishing Group,
divisão da Penguin Random House LLC, Nova York.

Copyright © Editora Planeta, 2022

Copyright da tradução © Luis Reyes Gil

Todos os direitos reservados.

Título original: *A Call to Mercy – Hearts to Love, Hands to Serve*

Preparação: Karina Barbosa dos Santos

Revisão: Alessandro Thomé

Diagramação: Nine Editorial

Capa: Rafael Brum

Imagem de capa: T Satyan/Dinodia Photo / agefotostoc

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Teresa, de Calcutá, Madre, Santa, 1910-1997

Madre Teresa: um chamado à misericórdia: corações para amar, mãos
para servir / Madre Teresa; editado por Brian Kolodiejchuk; tradução de
Luis Reyes Gil. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

288 p.

ISBN 978-65-5535-827-8

Título original: *Mother Teresa: A Call to Mercy – Hearts to Love, Hands
to Serve*

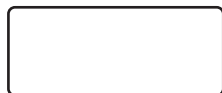
1. Madre Teresa 2. Vida cristã 3. Misericórdia I. Título II. Kolodiejchuk,
Brian II. Gil, Luis Reyes

22-2893

CDD 248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã - Misericórdia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Dar de comer a quem tem fome	17
2. Dar de beber a quem tem sede	35
3. Vestir os nus	43
4. Abrigar os que não têm teto	53
5. Visitar os doentes	73
6. Visitar os presos	97
7. Enterrar os mortos	109
8. Instruir os ignorantes	121
9. Aconselhar os hesitantes	139
10. Advertir os pecadores	155
11. Suportar com paciência os erros	177
12. Perdoar de bom grado as ofensas	201
13. Confortar os aflitos	219
14. Orar pelos vivos e pelos mortos	241
Conclusão	261
Notas	263

UM

DAR DE COMER
A QUEM TEM FOME

†
†

“Eu vi as crianças – seus olhos brilhando de fome. Não sei se vocês já viram a fome alguma vez. Mas eu tenho visto com frequência.” Como essas palavras deixam claro, a sensibilidade de Madre Teresa com os famintos é evidente pela maneira como ela se comovia no contato direto com as crianças. Ela era comovida nas profundezas de seu coração em seu contato com aqueles que sofriam de verdadeira fome física, o que fica claro especialmente pela maneira como ela reconta as histórias que vivenciou com os famintos. Essas vivências começaram quando ela era ainda criança. A mãe a acostumara, e aos seus irmãos também, a servir e cuidar das pessoas da rua. Quando ela testemunhava a fome (ou qualquer outra necessidade dos pobres), sua reação era “Temos que fazer algo a respeito”. Então fazia o que fosse possível (e, às vezes, até quase impossível) a fim de providenciar comida para os que passavam fome. Às vezes, tentava “mover mundos e fundos” para oferecer comida àqueles que estavam nessa situação.

Talvez a fome seja algo distante da nossa experiência ou do nosso ambiente mais próximo. Talvez “tenhamos notícias” dos pobres que passam fome apenas por meio de relatos perturbadores de algum desastre que esteja ocorrendo longe de nós. No entanto, se “abrirmos os olhos para ver”, como Madre Teresa nos desafiava a fazer, poderemos encontrar muito mais gente sofrendo por não ter sua necessidade básica de sustento atendida.

Madre Teresa é conhecida não por criar grandes programas para resolver o problema da fome no mundo (programas dignos e necessários), mas por “alimentar os que têm fome”, um por um, um por vez. No entanto, ao se dedicar a isso, ela fez grande diferença, primeiro para a vida desses indivíduos, e, por fim, para o mundo.

Há outro tipo de fome da qual Madre Teresa começou a falar, especialmente depois de abrir suas casas no Ocidente. Ela repetia com frequência que as pessoas “têm fome não só de pão, mas fome de amor”. Embora sofrer dessa necessidade não seja normalmente chamado de pobreza, ela compreendeu que esse tipo de pobreza era “muito mais difícil de eliminar”. Portanto, era também essa “fome de amor” que ela queria aliviar. Ela desafiava suas irmãs, “Vocês têm que ser esse amor e essa compaixão para as pessoas daqui [do Ocidente]”.

Quando eu recolho uma pessoa da rua, faminta, eu lhe dou um prato de arroz, um pedaço de pão, eu satisfaço, eu elimino essa fome. Mas uma pessoa que está calada, que se sente indesejada, desprezada, aterrorizada, a pessoa que foi excluída da sociedade – essa pobreza é muito sofrida e muito intensa, e eu acho isso muito difícil. Nossas irmãs estão trabalhando com esse tipo de pessoa no Ocidente.

Finalmente, Madre Teresa descobriu outro tipo de fome, tanto nos países pobres quanto nos ricos, entre pessoas de todas as classes sociais e crenças religiosas. “As pessoas têm fome de Deus”, ela costumava dizer. Essa realidade de “fome espiritual”, que ela experimentou profundamente e encontrou aonde quer que fosse, foi tratada por ela de uma maneira simples e oportuna. Ela quis ser “O amor de Deus, a Sua compaixão, a Sua presença” aonde quer que fosse, de modo que as pessoas olhando para ela pudessem vir a conhecer o Deus que ela desejava refletir.

SUAS PALAVRAS

É porque Ele amava

Antes de [Jesus] ensinar as pessoas, Ele tinha piedade da multidão, e Ele os alimentou. Ele operou um milagre. Abençoou o pão, e alimentou

cinco mil pessoas. É porque Ele amava as pessoas. Ele teve pena delas. Viu a fome em seus rostos e as alimentou. E só depois Ele as ensinou.¹



Mais do que nunca, as pessoas querem ver o amor em ação por meio de nossas humildes obras – o quanto é necessário estarmos em amor com Jesus – para que sejamos capazes de alimentá-Lo nos que estão famintos e nos solitários. Temos que ter olhos e coração puros para vê-Lo nos pobres. Temos que ter as mãos limpas para tocá-Lo nos pobres com amor e compaixão. Nossas palavras têm que ser muito limpas para que sejamos capazes de proclamar a Boa-nova aos pobres.²

A dor da fome

Um tempo atrás, uma mulher veio a mim com seu filho e disse: “Mãe, eu fui a dois, três lugares implorar um pouco de comida, pois não comemos há três dias, mas me disseram que eu sou jovem e que tenho que trabalhar para comer. Ninguém me deu nada”. Fui buscar algo de comer e, quando voltei, o bebê nos braços dela havia morrido de fome. Espero que não tenha sido nenhum dos nossos conventos que lhe tenha negado comida.³



Todos nós falamos a respeito da terrível fome. O que tenho visto na Etiópia, o que tenho visto em outros lugares, especialmente nos últimos dias em lugares como a Etiópia, centenas e milhares de pessoas estão enfrentando a morte apenas por [falta de] um pedaço de pão, por [falta de] um copo de água. Têm morrido pessoas nas minhas mãos. E mesmo assim nos esquecemos, por que eles e não nós? Vamos amar de novo, vamos compartilhar, vamos rezar para que esse terrível sofrimento seja removido dessas pessoas.⁴



A dor da fome é terrível, e é aí que eu e vocês temos que comparecer e doar, até que nos cause dor. *Eu quero que vocês doem até doer.* E essa doação é *amor de Deus em ação.* A fome não é só de pão, é fome de amor.⁵



Outro dia eu recolhi uma menina em Calcutá. Por seus olhos escuros, vi que estava faminta. E lhe dei um pouco de pão, e ela foi comendo, migalha por migalha. Eu disse a ela, “Coma o pão, você está com fome”.⁶ E perguntei a ela por que ela comia tão devagar. Ela respondeu: “Tenho medo de comer mais rápido. Quando eu terminar esse pedaço, logo vou ficar com fome de novo”. Eu disse a ela: “Coma mais rápido, e então vou lhe dar mais um pedaço”. Essa *criança pequena* já conhece a dor da fome. “Eu tenho medo”. Vejam – *nós* não conhecemos essa dor. Como vocês veem, não sabemos o que é a fome. Não sabemos o que é sentir dor por estar com fome. Tenho visto crianças pequenas morrerem por [falta de] um copo de leite. Tenho visto mães sentindo uma dor horrível por terem crianças morrendo de fome em suas próprias mãos. Não se esqueçam disso! Eu não peço dinheiro. Eu quero que vocês deem seu sacrifício. Quero que sacrifiquem algo de que gostem, algo que gostariam de ter... Um dia, uma mulher muito pobre veio à nossa casa. Ela disse: “Madre, eu quero ajudar, mas sou muito pobre. Estou indo de casa em casa para lavar a roupa de outras pessoas todo dia. Preciso dar de comer aos meus filhos, mas quero fazer alguma coisa. Por favor, deixe-me vir todo sábado para lavar as roupas das suas crianças por meia hora”. Essa mulher me deu algo que vale mais do que milhares de rúpias, porque me deu o coração dela completamente.⁷



Hoje de manhã, fui ver o cardeal de Marselha, que está encarregado do *Cor Unum*, pedi [a eles] que mandassem comida para nossa gente na África. Há uma pobreza enorme na África. Outro dia, nossas irmãs escreveram que as pessoas simplesmente vêm até o nosso portão pedir comida e que muitas delas morrem de fome ali. Se a situação continuar assim, muitas correm risco de morrer; crianças morrem nos braços de suas mães – que sofrimento terrível. Então fui até esse cardeal para perguntar se ele podia mandar alguma comida para as nossas irmãs. Ele foi muito gentil; ele disse que, antes de nossas irmãs irem lá, eles não sabiam da presença dos pobres.⁸

O amor, para ser verdadeiro, tem que doer

Tive a experiência mais extraordinária do amor entre vizinhos com uma família hindu. Um cavaleiro veio até nossa casa e disse, “Madre Teresa, há uma família que não come há muito tempo. Faça alguma coisa”. Então, peguei um pouco de arroz e fui até lá imediatamente. E vi as crianças – seus

olhos brilhando de fome. Não sei se vocês alguma vez presenciaram a fome, mas eu a tenho visto com muita frequência. E a mãe da família pegou o arroz que eu lhe dei e saiu. Quando voltou, perguntei a ela, “Aonde você foi; o que foi fazer?”, e ela me deu uma resposta muito simples: “Eles [uma família muçulmana] também têm fome”. O que mais me marcou foi que ela sabia, e quem são eles? Uma família muçulmana. E ela sabia. E eu não trouxe mais comida naquela noite porque queria que eles – hindus e muçulmanos – desfrutassem da alegria de compartilhar. Mas havia aquelas crianças radiantes de alegria, compartilhando sua alegria e paz com a mãe delas porque ela tinha o amor que se dá até doer, e podemos ver que é aí que o amor começa – em casa, na família.⁹



O amor, para ser verdadeiro, tem que doer, e essa mulher que estava com fome sabia que a vizinha dela também tinha fome, e por acaso aquela família era de muçulmanos. Então foi muito comovente, muito real. É nisso que somos mais injustos com os nossos pobres – nós não os conhecemos. Nós não os conhecemos – o quanto eles são ótimos, o quanto são dignos de amor, o quanto eles têm fome desse amor compreensivo.¹⁰



Temos outra expressão: *de graça*. Não posso cobrar nada pelo trabalho que faço. As pessoas nos criticam e dizem coisas feias por causa dessa expressão, *de graça*. Outro dia li em um artigo, escrito por [nome de um padre], que a caridade é como uma droga para os pobres – que, quando damos coisas de graça às pessoas, é como lhes dar drogas. Decidi que vou lhe escrever e perguntar: “Por que Jesus tinha piedade das pessoas?”. Ele deve ter drogado as pessoas quando as alimentou pela multiplicação dos pães e dos peixes. Ele veio trazer a Boa-nova às pessoas, mas, quando viu que estavam com fome e cansadas, Ele as alimentou primeiro. Outra pergunta que vou lhe fazer: “Você alguma vez sentiu fome como um pobre?”.¹¹



Vocês sabem que nós cozinhamos para milhares de pessoas em Calcutá. Um dia aconteceu de uma irmã vir até mim e me dizer, “Madre, não temos nada para cozinhar”. Nunca havia acontecido antes. Então, às 9h chegou

um caminhão, cheio de pão. O governo havia fechado as escolas naquele dia e nos mandou pão. Vejam de novo, a preocupação de Deus. Ele até fechou as escolas, mas Ele não deixaria que os famintos morressem – a ternura e a preocupação de Deus.¹²

Nós mesmos queremos servir

Outro dia, uma família gujarati veio até Dum Dum,¹³ onde temos pessoas com deficiência e crianças subnutridas e pacientes com tuberculose. Essa família, a família inteira, chegou com comida cozida. Houve um tempo em que ninguém jamais pensaria em chegar perto daquelas pessoas. Quando eles chegaram, eu disse às irmãs que os ajudassem a servir a comida. [Para] minha surpresa, eles disseram, “Madre, nós mesmos queremos servir”. Para eles, esse é um grande feito, pois eles se tornam impuros. Esse é um privilégio nosso. Alguns deles eram até velhos. Nada os deteve; inacreditável uma família hindu dizer e fazer tais coisas.¹⁴

Juntos podemos fazer algo belo por Deus

O amor é para hoje; os programas são para o futuro. Estamos aqui para o dia de hoje; quando o amanhã chegar, veremos o que podemos fazer. Se alguém tem sede, ele tem hoje, se tem fome, é para hoje. Amanhã não os teremos mais aqui se não os alimentarmos hoje. Portanto, preocupem-se com o que vocês podem fazer hoje.¹⁵



Nunca me meti com o que os governos deveriam ou não deveriam fazer. Em vez de perder tempo com essas questões, eu digo, “Deixe-me fazer [alguma coisa] agora”. O amanhã pode não chegar nunca – nossa gente pode estar morta amanhã. Portanto, é hoje que ela precisa de uma fatia de pão e de uma xícara de chá; eu lhe alimento hoje. Alguém tinha uma crítica a fazer ao nosso trabalho e comentou: “Por que vocês sempre lhes dão o peixe para comer? Por que não lhes dão a vara para que pesquem o peixe?”. Então eu disse, “Nossa gente não consegue nem ficar em pé direito por causa da fome e de doenças, e seriam menos capazes ainda de segurar uma vara de pescar para pegar um peixe. Mas eu vou continuar dando-lhes o peixe para comer e, quando elas estiverem fortes o suficiente e conseguirem se sustentar sobre seus pés, vou passá-las a você, que então lhes dará a vara

para que pesquem o peixe”. E eu penso que é essa a partilha. É nisso que precisamos uns dos outros. Aquilo que *nós* podemos fazer, talvez *você* não consiga. Mas aquilo que *você* pode fazer, *nós* não podemos. E se juntarmos essas duas obras, pode sair daí algo lindo para Deus.¹⁶



No dia seguinte, de novo, um grupo de crianças hindus de escola primária veio de muito longe. Todas as que ganharam prêmios de primeiro e segundo lugar foram até a diretora e pediram que lhes desse dinheiro, em vez dos prêmios. Então, ela colocou todo o dinheiro num envelope e o entregou a eles. Em seguida, eles pediram: “Agora, por favor, leve-nos até Madre Teresa: queremos dar o dinheiro para os pobres dela”. Vejam só como foi maravilhoso eles não quererem ficar com o dinheiro. Nós criamos essa consciência, e o mundo inteiro agora quer compartilhar com os pobres. Toda vez que eu ganho algum dinheiro, prêmio ou qualquer coisa do tipo, sempre aceito em nome dos pobres, os quais eles reconhecem em mim. Acho que estou certa fazendo isso, porque, afinal, o que sou eu? Não sou nada. O que eles reconhecem em mim são os pobres, e é para quem querem dar, porque sabem o que estamos fazendo. As pessoas do mundo hoje querem ver isso.¹⁷

Tremenda fome de amor

Na Etiópia e na Índia, centenas de pessoas estão vindo e morrendo ali por [falta de] um pedaço de pão. Em Roma e em Londres e lugares assim, as pessoas morrem de solidão e de amargura.¹⁸



Estão vendo? Temos uma ideia equivocada de que a fome é apenas fome de pão. Há uma fome muito maior e mais dolorida: fome de amor, do sentimento de ser querido, de ser alguém para alguém. O sentimento de ser indesejado, desprezado, rejeitado. Acho que essa é uma fome muito grande e uma pobreza muito grande.¹⁹



Temos casas por toda a Europa e nos Estados Unidos e em outros lugares onde não existe essa fome por um pedaço de pão. Mas existe uma tremenda fome de amor, um sentimento de ser indesejado, desprezado, excluído, rejeitado, esquecido. Há pessoas que já esqueceram o que é um sorriso humano, o que é um toque humano. Penso que essa é uma pobreza muito, muito grande... E é muito difícil eliminar essa pobreza mesmo [satisfazendo aquela] fome por um pedaço de pão, eliminando a nudez com uma peça de roupa, ou provendo uma casa de tijolos..., acho que essa é a maior pobreza, a maior doença, a situação mais dolorosa de nossos dias.²⁰



Em outra ocasião, eu andava pelas ruas de Londres, em uma área pobre onde nossas irmãs também trabalhavam. Vi um homem numa condição verdadeiramente terrível sentado ali, parecendo muito triste e solitário. Então fui até ele e peguei-o pela mão e perguntei como estava. Quando fiz isso, ele olhou para mim e disse, “Puxa, há quanto tempo eu não sentia o calor de uma mão humana. Há quanto tempo eu não sentia o toque de alguém”. E então os olhos dele brilharam, e ele começou a se sentar mais ereto. Uma pequena atenção trouxe Jesus para dentro da vida dele. Ele esperara por muito tempo uma demonstração de amor humano, mas foi na realidade uma demonstração do amor de Deus. Esses são exemplos bonitos da fome que eu vejo nessas pessoas, os mais pobres entre os pobres, os ignorantes e indesejados, desprezados, rejeitados e esquecidos. Eles têm fome de Deus. Isso é uma coisa que vocês padres provavelmente encontram sempre; não apenas a fome de pessoas que sofrem fisicamente, mas também a grande fome de pessoas que sofrem espiritual e emocionalmente – pessoas que sofrem no coração e na alma, especialmente pessoas jovens.²¹

Fome terrível da palavra de Deus

“Onde está essa fome no nosso país?” Sim, existe fome. Talvez não a fome por um pedaço de pão, mas há uma terrível fome de amor. Existe uma fome terrível da palavra de Deus. Nunca vou esquecer quando estive no México, e fomos visitar famílias muito pobres. E aquelas pessoas que vimos não tinham praticamente nada em casa, e no entanto, ninguém pediu nada. Tudo o que pediram foi: “Ensinem-nos a palavra de Deus. Deem-nos a palavra de Deus”. Tinham fome da palavra de Deus. Aqui também, no

mundo todo, há a fome de Deus, entre os jovens especialmente. E é aí que devemos encontrar Jesus e satisfazer essa fome.²²

SEU EXEMPLO: os testemunhos*

Carregamos a comida na cabeça e fomos caminhando pela água

Em 1968, houve uma grande inundação em Calcutá. Saímos com nosso caminhão à noite para levar comida às pessoas atingidas pela inundação em Tiljala. Carregamos a comida na cabeça e fomos caminhando pela água. Em certo momento, a correnteza quase levou embora a Irmã Agnes, então a mandamos de volta para o caminhão. Ficamos ensopadas até a alma e congelando. Quando voltamos para casa às três da madrugada, a Madre estava esperando por nós no portão. Ela havia esquentado água para tomarmos banho e preparou uma bela caneca de café quente bem forte para nos aquecer. Ficamos muito comovidas com a ternura e o cuidado amoroso da Madre com as crianças dela.²³

Enchendo a cesta até o limite e pressionando para caber mais

A Madre se juntou a nós para fazer cestas de Natal para os pobres. Elevei muito minha mente a Deus vendo a Madre enchendo a cesta até o limite e pressionando para caber mais. Ouviam-se vozes dizendo: “Madre, ainda temos muitas cestas para preparar”. “Deus proverá” era a resposta. Havia pilhas de cestas, não faltava nada. A fé, a confiança da Madre em Deus, era algo vivo, tornara-se parte dela, era possível sentir isso; sim, era possível ver que a Madre tinha um Amigo próximo, poderoso e fiel, trabalhando com ela o tempo todo. O princípio da Madre era: dê o que ele toma e tome o que Ele dá com um grande sorriso. Sem dúvida, era difícil para mim, mas, quando feito com generosidade, tornava-se um toque do amor de Deus.²⁴

* Como observado na introdução, para manter a privacidade e também a qualidade meditativa dos textos que se seguem, fazemos, nas notas do fim do livro, uma curta descrição das testemunhas que contribuíram com seus pensamentos e memórias em cada uma das seções intituladas “SEU EXEMPLO: os testemunhos”.

Outras pessoas hesitavam – mas a Madre, não

Fiquei muito comovido quando milhões [de refugiados de Bangladesh] apareceram na Índia e, para ela, esse grande número não importava [isto é, não a desencorajava]. De um jeito ou de outro, ela daria conta. Ela dizia apenas, “Faremos o que for possível”, enquanto tomava todas as providências para conseguir que cada padre e irmã disponível a ajudasse em seu trabalho. “Ah, isso é trabalho de Deus. Essas crianças estão sofrendo, estão morrendo. Temos que fazer algo”. Ela foi à luta, estava preocupada em conseguir pão suficiente, em conseguir comida. Chamava as irmãs de lado, tomava providências, corria atrás de auxílio médico especialmente quando a epidemia de catapora eclodiu no acampamento de Salt Lake. Havia duzentas mil pessoas ali na época. Ela precisava encontrar alguém que as atendesse imediatamente. Ela estava simplesmente ansiosa, impaciente para encontrar outras maneiras de arrumar mais gente para ir até lá e prestar ajuda. Para mim, acho que esse foi mais um exemplo de seu profundo amor – de que ela era capaz de abraçar o mundo inteiro como a boa “Mãe” que era. Numa época em que o mundo inteiro estava horrorizado com a entrada de milhões de refugiados na Índia – essa pequena mulher, tão frágil, simplesmente foi em frente para nos incitar a ajudá-los. E a sua atitude toda era: se é para Ele, não há como não dar certo. Outras pessoas hesitavam – mas a Madre, não.²⁵

Um mensageiro de paz em Beirute

Em agosto de 1982, a violência em Beirute estava no auge. A Madre chegou em 15 de agosto, no pior período de atentados a bomba e disparos. Ela costumava dizer aos outros, “Não vamos usar bombas nem armas para dominar o mundo, e sim irradiar a paz de Deus e eliminar todo o ódio e toda a sede de poder no mundo e no coração de todos os homens”... A Madre encontrou as irmãs em segurança em Mar Takla, leste de Beirute. A Madre veio a saber, por intermédio da Cruz Vermelha, que havia crianças mental e fisicamente doentes em um hospital na região oeste de Beirute. A casa havia sido danificada por bombas, e as crianças padeciam de uma terrível negligência. Ao ouvir isso, e apesar das repetidas advertências de líderes da Igreja sobre como a situação era perigosa, a Madre estava determinada a tirar as crianças daquela situação de insegurança... No entanto, como havia tiros constantes, ela não podia cruzar a Linha Verde e entrar na parte oeste de Beirute. Com sua grande fé, ela rezou para que houvesse um cessar-fogo. E houve! Após um inesperado cessar-fogo, a Madre se deslocou (carregando

o Santíssimo Sacramento com ela) com quatro veículos da Cruz Vermelha e resgatou as 38 crianças, com deficiência física ou mental. Ela ajudou a Cruz Vermelha e os atendentes do hospital a carregá-las uma por uma nos veículos e saiu de lá para o convento Mar Takla. Dois dias depois, a Madre cruzou de novo a Linha Verde para evacuar outras 27 crianças... Roupa, comida e outros suprimentos chegaram das vizinhanças... Crianças de 12 anos de idade estavam tão malnutridas que pareciam ter apenas 5 anos. Eram como pequenos animais, comendo o que estivesse à mão (como fraldas e roupa de cama). Chegavam até a tentar comer umas às outras. Para curar a diarreia e ao mesmo tempo evitar que comessem as proteções de borracha da cama, eu pendurei pedaços de pão torrado nas grades de proteção em volta da cama delas. Não havia água nem energia elétrica, mas aos poucos a ajuda começou a chegar... Em novembro, as crianças já estavam bem melhores...

Um final triste para todos nós foi o dia em que as crianças tiveram que ser devolvidas ao mesmo hospital de onde a Madre as havia resgatado... O amor de Deus, uma vez mais, era impedido pela ambição do homem por dinheiro, o dinheiro que o governo fornecia para aquelas crianças. A Madre ficou muito decepcionada. Estava de mãos atadas e tinha que abandoná-las à misericórdia de Deus. Como a Madre disse, “Não se deixe desanimar por qualquer fracasso, contanto que você tenha dado o seu melhor”.

Dessa situação em Beirute, tirei como experiência um exemplo de como a Madre costumava ser a primeira a chegar a áreas devastadas por causas naturais ou conflitos humanos. O surgimento de alguma necessidade incitava-a a tomar medidas imediatas, mesmo com riscos à própria segurança. Isso, em primeiro lugar, deixa claro para mim sua heroica caridade nessas missões perigosas e impossíveis. Sua confiança em Deus era tão grande que parecia não haver nada humano que pudesse ser obstáculo entre o chamado d’Ele e seu cumprimento por parte dela. A crença de que Deus a queria ali parecia fazer com que um tremendo poder entrasse nela, e assim ela chegou a Beirute e cumpriu sua missão, contrariando todos “os prudentes conselhos” que havia recebido.²⁶

Ela não pedia nada para suas necessidades pessoais

Quando ela veio para Delhi, estávamos no carro indo para o aeroporto, e o comandante da Força Aérea Indiana perguntou se seria possível ela ir visitá-lo e abençoá-lo no escritório dele, e ela aceitou. E ela [comentou] no carro, “O que a Força Aérea pode fazer por nós?” Um de nós disse, “Madre,

não há nada que a Força Aérea possa fazer. Talvez você possa pedir-lhe que, quando surgir a necessidade, ele providencie um helicóptero para que você possa fazer algum resgate ou atender a uma causa humanitária”. Então ela disse, “Helicóptero?”. Entramos, conhecemos o chefe. Ela perguntou, “A propósito, será que os seus homens da corporação” – e tratava-se da Força Aérea; ela não fizera a conexão – “podem plantar árvores?”, e ele disse, “Sim, Madre. Bem, poderia explicar melhor?”. “Alguém nos doou uma propriedade para construir um lar para os necessitados. Seria maravilhoso se tivéssemos árvores frutíferas para que essas pessoas tivessem frutas, porque as frutas serão ótimas para elas”. Ele disse, “Vamos providenciar isso”. Mais tarde, chamamos a atenção dela para o que havia pedido! Bem, foi a Providência Divina, porque no dia seguinte a Força Aérea enviou algumas pessoas. Só que o lugar não dispunha de água e não havia como consegui-la. A Força Aérea então acabou perfurando três poços artesianos para irrigar o solo e poder plantar as árvores, e hoje há um pomar ali. Sim, ela pedia, mas não para suas necessidades pessoais. Ninguém teria pensado em pedir ao comandante da Força Aérea que plantasse árvores! Mas ela se mantinha aberta às sugestões do Espírito Santo.²⁷

Recolher os restos de comida

A Madre pedia [restos de] comida não só em aviões, mas também em hotéis. O pedido não era para fazer nenhuma demonstração. Na verdade, com essa comida extra, foi criado um fundo de comida para as meninas da Madre. Parte da refeição da noite e da manhã em Dum Dum vem do aeroporto de Calcutá e de comida extra. As sobras da Flurys Bakery são entregues a Shanti Dan como um lanche, em um ou dois dias da semana. Além disso, tenho visto em Delhi que a comida extra de aviões é usada para pacientes das casas que ela mantém. As irmãs recolhem tudo isso regularmente. Às vezes, as pessoas do aeroporto também [entregam] a comida nesses centros.²⁸

A despesa do jantar, uma doação aos pobres

Irmã Agnes e eu fomos com a Madre para Oslo e assistimos ao seu discurso na premiação do Nobel... Durante toda a cerimônia e os aplausos, a Madre se sentou quieta, como se tudo aquilo fosse para uma outra pessoa. Na recepção após a cerimônia, ela só aceitou água. O banquete que usualmente se segue havia sido cancelado a pedido da Madre, e a despesa do

jantar foi dada à Madre como uma doação aos pobres... “Eu mesma não sou merecedora do prêmio. Eu não o quero, pessoalmente. Mas por meio deste prêmio o povo norueguês reconheceu a existência dos pobres. É em nome dos pobres que estou aqui”.²⁹

O amor, para ser verdadeiro, tem que custar

A Madre gostava muito de contar sobre os sacrifícios que os pobres faziam para seu trabalho “de compartilhar a alegria do amor” por meio das obras de caridade das irmãs. Ela nos contou dos monges budistas que a visitavam na Casa Mãe – sua casa de caridade – e depois passaram a participar também do jejum da Primeira Sexta-Feira dos Missionários da Caridade (MC), que a Madre e as irmãs faziam pelos pobres toda primeira sexta-feira do mês. Os monges imitaram o costume dos MC de sacrificar uma refeição e usar o dinheiro para comprar comida para os pobres. Aqueles monges decidiram, por iniciativa própria, não comer seu almoço um dia e reservar o custo da refeição e trazer o dinheiro para a Madre, pedindo-lhe que o usasse para comprar comida para os pobres. A Madre gostava muito de compartilhar essas histórias, que refletiam uma bondade e generosidade inesperadas, porque acreditava na bondade dentro de cada indivíduo. Ela apenas convidada as pessoas a descobrir essa bondade interior, e a compartilhá-la com os outros. Os benfeitores que faziam um sacrifício real para poder dar, a Madre costumava elevá-los à condição de belos exemplos de amor, porque “O amor, para ser verdadeiro, tem que custar”. Com certeza, muitas boas pessoas deram a ela grandes doações para os pobres, mas a Madre só contava sobre as pessoas que faziam um real sacrifício a fim de poderem compartilhar – assim como o próprio Jesus elogiou a doação de algumas moedinhas por uma viúva para ajudar o templo. Um dos exemplos preferidos da Madre era o de um mendigo que morava na rua diante da Casa Mãe e que foi até ela e puxou 3 rúpias de debaixo de seus farrapos e ofereceu-as como contribuição à obra da Madre. Ela sabia que provavelmente era tudo o que ele tinha, mas disse que teve que aceitar, a fim de respeitar o sacrifício que ele estava fazendo pelos outros.³⁰



Quando a Madre veio nos visitar em Nairóbi, algumas pessoas ricas trouxeram bolos muito caros. A Madre disse, “Mande tudo para os pacientes e as crianças”. Fizemos isso. Muitas vezes, eu vi nela essa coragem de abrir

mão, de fazer sacrifícios. A Madre ficava feliz em dar, em fazer sacrifícios por amor a Jesus.³¹

Fazer com alegria

Eu costumava sair em apostolado com a Madre. Costumávamos andar grandes distâncias para cuidar de um garoto com tuberculose chamado Nicholas... Ele tinha duas grandes chagas por permanecer muito tempo deitado na cama; a Madre costumava limpar e tratar das feridas... A família era muito pobre, por isso a Madre geralmente levava a comida do dia para eles. Eu vivia sempre muito cansada e com vontade de chorar, mas a Madre dizia, “Temos que salvar almas e devemos fazer isso com alegria”. Eu sabia que a Madre também estava cansada, mas ela não demonstrava isso de nenhuma maneira. Fizemos isso por vários anos.³²

Com a devida dignidade, amor e cuidados carinhosos

A maneira como ela alimentava as pessoas na casa dos moribundos era muito edificante e exemplar, pois ela claramente não as tratava como receptoras de misericórdia, ao contrário, a sua abordagem era tratá-las com a devida dignidade, amor e cuidados carinhosos... Embora fossem muitas pessoas, ela lidava com cada uma individualmente. Costumava dizer que do mesmo modo como o padre lida com o Corpo de Cristo no altar, também nós que recebemos o Corpo de Jesus de modo tão respeitoso devemos tratar dos corpos abatidos dos pobres com o mesmo respeito e reverência.³³

Tenha fé em Deus

Lembro que durante da Guerra da Indochina, em Darjeeling, todas as estradas para as planícies estavam interditas. Eu não sabia onde conseguiria comida para sessenta crianças, cinquenta idosos, os pobres que vinham atrás de comida e as irmãs. Liguei para a Madre e perguntei, “O que devemos fazer?”. A Madre me perguntou, “Você rezou o Pai-nosso?”; eu disse, “Sim”; então ela completou, “Tenha fé em Deus”. Essa foi a última ligação que eu fui capaz de fazer ou que precisei fazer. De repente, as pessoas de todas as montanhas próximas ficaram sabendo que tínhamos aquele monte de gente para alimentar, e trouxeram comida, leite e muitas outras coisas, que foram suficientes até a guerra terminar.³⁴

Como Deus as ama

Para a Madre, caridade significa amar todas as pessoas como Deus as ama. Com a Madre, esse amor ao próximo era algo muito marcante. Se as pessoas precisavam de cuidados corporais, ela fazia isso primeiro, limpava-as e alimentava-as. E depois cuidava de suas almas. Como a Madre dizia, “De estômago vazio, as pessoas dificilmente conseguem pensar em Deus. Jesus alimentava as pessoas”. Em Nirmal Hriday (a Casa da Madre para os Moribundos), a Madre fazia exatamente isso. E vendo esses atos de caridade, os doentes sentiam que a Madre, em seu amor por eles, era [como] Deus.³⁵

Não fale, faça algo a respeito

Houve uma conferência sobre a Fome no Mundo, na Índia, em 1987, e a Madre foi convidada a falar. Quando ela chegou à entrada lateral do edifício... havia um homem no chão. Ele tinha fome, queria algo para comer. Ela disse para mim, “Vou levá-lo para casa”. Tínhamos uma maca na perua, e eu disse que iria levá-lo, mas ela disse que não, que ela mesma faria isso. E fez, e com isso chegamos à conferência com uma hora e meia de atraso. Ela não disse nada sobre isso na época, não usou como exemplo, mas o caso é exatamente esse, tratava-se de uma conferência para erradicar a fome, e a fome estava bem na porta de entrada.

A atitude dela era sempre: faça uma coisa, uma coisa, uma coisa. Nessa conferência, eu a tranquilizei, “Você vai lá e eu fico cuidando dele”, porque havia um milhão de pessoas nas ruas na Índia, mas ela era esse tipo de pessoa; tinha que cuidar ela mesma daquela pessoa específica. Costumava dizer, “Não fale, faça algo a respeito”. Muitos a criticavam porque ela não falava com políticos. Ela dizia, “Sou uma religiosa. Estou aqui para dar Cristo a essa pessoa”.³⁶

A própria Madre iria

Certa vez, quando eu estava em Calcutá como noviça no meu primeiro ano, houve uma grande inundação e não conseguíamos sair para atender às famílias pobres porque o chão estava todo alagado, com água acima do joelho. Fomos com a Madre distribuir pão aos famintos e pobres. As pessoas não conseguiam atravessar a rua por causa da água, mas a Madre, com seu grande e terno amor por Deus e pelos Seus pobres, entrou na água e começou a distribuir pão aos famintos; porque, para ela, era Jesus que tinha fome.

E a Madre não deixava que nós noviças entrássemos na água. Mas a Madre fazia esse ato de amor a Deus, até doer.³⁷



Às vezes, um pobre chegava e dizia, “Madre, não comi nada hoje”. A Madre então fazia a pessoa se sentar na recepção e pedia para eu trazer comida. Se eu não estivesse por ali, ela mesma ia até o armário e pegava comida. Estava sempre preocupada com os pobres.³⁸

Nunca mande uma pessoa faminta embora

Ela ensinava que nunca deveríamos mandar embora uma pessoa faminta, mesmo se não tivéssemos nada para lhe dar. A Madre dizia, “Dê-lhe seu sorriso e uma palavra de conforto”... Onde quer que a Madre abrisse uma casa, as pessoas, fossem ricas ou pobres, vinham em peso de todas as denominações e perguntavam se podiam ajudar os pobres. A Madre nunca distribuía encargos nem pedia qualquer ajuda. Tudo o que dizia era “Dê o que você puder dar e, se não tiver o que dar, não se preocupe; dê suas mãos para servir e seu coração para amar. Ajudando os outros, você será recompensado com paz e alegria”.³⁹

As pessoas têm mais fome de Deus

A primeira fundação na Albânia foi criada em Tirana, em 2 de março de 1991. A Madre logo descobriu que o país estava carente de tudo. As pessoas tinham fome não só de coisas materiais, mas mais fome de Deus. Era um estado de emergência – o trabalho devia começar imediatamente. A Madre recuperou do governo várias igrejas que vinham sendo usadas como cinemas, ginásios, armazéns etc. Ela foi até a mesquita central, onde doentes e moradores de rua estavam abrigados, abriu o portão e levou todos para nossa segunda casa em Tirana, e devolveu a mesquita ao imã muçulmano.⁴⁰

REFLEXÃO

“Porque tive fome, e me destes de comer.” (Mateus 25,35)

“Hoje eles têm fome – amanhã talvez seja tarde demais.”⁴¹

“Hoje os pobres têm fome – de pão e arroz – e de amor e da Palavra viva de Deus.”⁴²

Será que sou capaz de reconhecer uma pessoa “faminta” na minha família, comunidade, paróquia, vizinhança, cidade (ou até mais longe) e achar um jeito de oferecer algum alívio a essa fome (ajuda material, um simples gesto de amor e bondade, a palavra de Deus)? Sou capaz de jejuar em solidariedade àqueles que passam fome ou me juntar como voluntário a um programa de uma instituição de caridade local?

Expresso minha gratidão a Deus pela comida que recebo por meio de Sua Providência orando antes e depois de cada refeição. E também não vou desperdiçar comida, lembrando daqueles que não têm.

ORAÇÃO

*Senhor, tornai-nos dignos de servir às pessoas
de todo o mundo, que vivem e morrem em pobreza e fome.
Dai-lhes por meio de nossas mãos, neste dia,
seu pão de cada dia, e por meio de nosso amor compreensivo,
dai-lhes paz e alegria.*

– Beato Papa Paulo VI